CULTURA AFRO-BRASILEIRA: A PRÁTICA DA FOLIA DE SÃO TOMÉ NA COMUNIDADE ARAPUCU EM ÓBIDOS-PA

Leandro de Castro Tavares[1]

Oséias de Oliveira[2]

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a prática da folia de São Tomé no Arapucu como Cultura afro-brasileira, no Município de Óbidos, desde o início de sua prática, em 1947. A pesquisa foi realizada sob os pressupostos teóricos da História Cultural e, metodologicamente, caracteriza-se como de Campo, do tipo História Oral e Documental. O *lócus* da pesquisa foi a comunidade Arapucu, localizada no município de Óbidos, mesorregião amazônica do Oeste do Estado do Pará. Para a composição dos textos, as fontes utilizadas foram: bibliográfica, oral e documental, respectivamente. Os sujeitos foram foliões e moradores da comunidade Arapucu. Desse modo, frisa-se, no decorrer deste estudo, que a folia praticada na comunidade Arapucu é vista como prática cultural afro-brasileira, isso porque todas as folias existentes no município surgiram em áreas remanescentes de quilombos.

Palavras-chave: História. Folia. Cultura. Afro-brasileira.

ABSTRACT: This article aims to analyze the practice of São Tomé folklore in Arapucu as an Afro-Brazilian Culture in the Municipality of Óbidos, since the beginning of its practice in 1947. The research was carried out under the theoretical assumptions of Cultural History and, methodologically, characterizes as Campo, Oral History and Documentary. The research site was the Arapucu community, located in the municipality of Óbidos, in the western Amazon region of the State of Pará. The sources used were bibliographical, oral and documentary, respectively. The subjects were revelers and residents of the Arapucu community. Thus, it is emphasized in the course of this study that the folklore practiced in the Arapucu community is seen as an Afro-Brazilian cultural practice, because all the existing folios in the municipality have appeared in remaining areas of quilombos.

Keywords: History. Folia. Afro-Brazilian. Culture.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como propósito constituir-se em uma ferramenta fundamental para o surgimento de uma consciência construtiva, reflexiva e progressiva, transformando-se, por esse motivo, em um exercício permanente para a sociedade, principalmente a obidense. Partindo dessa análise, as discussões se acercam sobre a folia de São Tomé em Óbidos como pesquisa historiográfica, resultante da presença e permanência do negro nesse município.

[1] Possui graduação em História pela Faculdade Evangélica Cristo Rei - FECR (2012) e mestrado em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO (2018). E-mails: tavaresleo23@gmail.com

[2] Graduado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995) e defendeu o doutorado direto em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP (2003). Integra o corpo docente do Departamento do curso de Licenciatura em História (UNICENTRO-Irati). Também é Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em História e Regiões da (UNICENTRO). E-mail: prof.oseias@gmail.com

Diante desse contexto, esse estudo se fez necessário para registrar a prática da cultura afro-brasileira no município supracitado e por demonstrar questões relativas à pesquisa histórica, em que o uso recorrente da fonte recaiu no que se convencionou chamar, aqui, de relatos orais, ou seja, práticas correntes no cotidiano da pesquisa de campo em história oral. Pois de acordo com Alberti (2005, p. 30) "de modo geral, qualquer tema, desde que seja contemporâneo – isto é, desde que ainda vivam aqueles que têm algo a dizer sobre ele –, é passível de ser investigado através da história oral". E dentro dessa perspectiva "podemos afirmar hoje que os relatos orais são fontes imprescindíveis para a História, assim como qualquer outra, sem grau hierárquico" (MONTYSUMA; KARPINSKI, 2010, p. 14-15).

Na esteira desse raciocínio, procurou-se apresentar análise dos entrevistados, considerando o tempo e espaço em que construíram suas vivências, possibilitando assim uma reflexão sobre as transformações pelas quais passou e tem passado o conceito e discussões sobre cultura afro-brasileira, no entanto, sem esgotar suas possibilidades de abordagem.

E para melhor compreensão das análises descritas nos textos, o artigo se inicia com o intertítulo História e Identidade, visto que, ao se considerar a amplitude desses temas, o objetivo não é atingir uma verdade acerca dos conceitos e muito menos acomodar ao leitor com uma explicação reducionista de algo que é amplo e complexo. Posteriormente, discute-se sobre o negro no Arapucu e o encontro de folias; processo Histórico folia de São Tomé e desafios para Manutenção dessa cultura que celebra a vida e a colheita no Arapucu; cantos e ladainha da folia de São Tomé.

HISTÓRIA E IDENTIDADE

Levando em consideração a História como ciência dos homens que estuda o processo histórico da humanidade, pois a história:

> É a ciência "Ciência dos homens", "dos homens, no tempo". A História como ciência, não apenas pelo objeto mais também pelo método próprio que é a observação histórica, ou seja, representar o homem quanto sujeito da sua história. Buscando não mais uma História voltada apenas aos fatos, às datas e aos relatos. Mas uma história que conseguisse compreender as relações sociais que se deram através dos fatos, suas problematizações e seu contexto histórico (BLOCH, 2001, p. 55).

Partindo dessa concepção, interessa aqui procurar identificar os caminhos que levam a determinadas concepções atuais do que sejam cultura e práticas culturais, visto que nesse tópico está relacionado à Folia de São Tomé como prática da cultura afro-brasileira e objeto para a escrita da História. Baseado na ideia de que:

> Transforma o espaço do outro num campo de expansão para um sistema de produção. A partir de um corte entre um sujeito e um objeto de operação, entre um querer escrever e um corpo escrito (ou a escrever) fabrica a história ocidental. A escrita da história é o estudo da escrita como prática histórica. A escrita da história remete a uma história "moderna" da escrita (CERTEAU, 1982, p. 5).

Nestas proposições, a discussão acerca de cultura afro-brasileira resultou em uma apropriação mais política do conceito de cultura afro-brasileira. Política aqui está atrelada à ideia de que:

> A história é, pois, convidada a reformular seus objetos (recompostos a partir de uma interrogação sobre a própria natureza do político), suas frequentações (privilégio concedido ao diálogo travado com a ciência política e a teoria do direito) e, mais fundamentalmente ainda, seu princípio de inteligibilidade, destacado do "paradigma crítico" e redefinido por uma filosofia da consciência (CHARTIER, 1991, p. 175).

Além disso, uma reflexão crítica sobre o conceito de cultura afro-brasileira e suas implicações negativas no cotidiano de muitas populações às vezes excluídas, deu espaço a utilização do termo prática cultural afro-brasileira. Este não tem a intenção de ser um mero substitutivo do termo cultura afro-brasileira, mas sim, atrelado à ideia de identidade que caracteriza o povo da comunidade Arapucu, resignando-se, dessa forma, em se ter um significado puramente social, referindo-se as práticas e as visões culturais da comunidade anteriormente mencionada.

A partir do que se pode ponderar acerca de diversidade, este estudo está voltado, como já mencionado, para discussões no que respeita ao campo da cultura afro-brasileira: crenças, tradições e folias como verdadeiros rituais religiosos dedicados aos seus santos protetores em Óbidos, no estado do Pará. Com a intenção de contar a história, a partir da perspectiva dos vencidos, visto que:

> A historiografia atual passou de uma perspectiva quantitativa a uma perspectiva qualitativa, da macro-história à micro-história, das análises estruturais às narrativas, da história da sociedade à história da cultura (GINZBURG, 2007, p. 154-157).

Objetiva-se desta forma uma história que abarque diferentes visões de mundo. A busca por novas perspectivas para a História abriu também um campo, ou seja, "um domínio autônomo que, em dado momento, atinge a independência em uma determinada cultura e produz suas próprias convenções culturais" (BURKE, 2005, p. 76). Isso ampliou a interdisciplinaridade de práticas. O que se confirma quando Bloch afirma que:

> A ciência decompõe o real apenas a fim de melhor observá-lo, graças a um jogo de fogos cruzados cujos raios constantemente se combinam e interpenetram. O perigo começa quando cada projetor pretende ver tudo sozinho; quando cada canto do saber é tomado por uma pátria (BLOCH, 2001, p. 131).

O que admite a interdisciplinaridade como uma condição para o melhor entendimento do

fato histórico. O diálogo com outras áreas do conhecimento, como a antropologia, por exemplo, favoreceu a ampliação das áreas da investigação histórica.

A possibilidade de reflexão, a partir dos temas construídos nesse estudo, instiga a buscar uma história com movimento. Uma história que torna possível uma aproximação com o vivido. Quando se pensar em História Cultural, é isso, a aproximação com o vivido. Por essa razão que a metodologia da historiografia cultural dá espaço para diferentes interpretações acerca dos significados da história. Da mesma maneira, trabalha com a ideia de que na história não existe uma verdade única e acabada, mas sim "versões da história que o vê a partir da chave da evolução, do progresso, do desenvolvimento orgânico, do avanço da consciência ou como resultado de um projeto de existência" (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 56-57).

Em meio a esse víeis, considera-se que a Folia de São Tomé no Arapucu expressa um padrão cultural ou uma identidade cultural, por isso, é o elemento central da cultura na comunidade e é também uma ferramenta simbólica para organizar as relações com o outro, no referido local. Diante disso, a folia possibilita as novas formas de ver, de ler, de escrever e de entrar em contato com o universo cultural histórico e social de Óbidos, no sentido de que a "incorporação sob forma de categorias mentais das classificações da própria organização social, e de outro, como matrizes que constituem o próprio mundo social, na medida em que comandam atos e definem identidades" (CHARTIER, 2002, p.72).

> Em se tratando de identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada" (HALL, 2005, p. 38).

Ainda de acordo com Hall, "o sujeito assume identidade diferentes em diferentes momentos. Portanto, a identidade é definida historicamente e não biologicamente" (HALL, 2005, p. 08). Sugere, dessa forma, a utilização do termo identificação, já que se constitui num processo em andamento. Em termos naturais, biológicos e culturais, a comunidade Arapucu busca manter suas características, hábitos e costumes, ou seja, sua "identidade", com a intenção de evitar a descaracterização de sua cultura.

> Dessa forma, pensasse-se então que as identidades, como foram construídas, devem ser vistas dependentes do contexto social e político, pois este exerce papel central na sua consolidação, sendo fortemente marcado por relações de poder (FAGUNDES; SBRAVATI, 2009, p. 65).

A identidade cultural, portanto, pode ser entendida como um processo de incorporação de conhecimentos e da cultura do local onde se vive. As culturas nacionais representam uma das

principais fontes de identidade, sendo a nação uma entidade política e um sistema de representação cultural, pois "cada um de nós experimenta no cotidiano a forte presença de uma representação homogênea que os brasileiros possuem do país e de si mesmos" (CHAUÍ, 2000, p. 7).

Uma suposta identidade nacional foi criada a partir de um mito fundador, ou seja, um vínculo que todos os brasileiros têm com o passado como origem. Da concepção de nação, faz parte o território, a língua, a religião e a raça, que funcionam como elementos unificadores. Conforme Fagundes; Sbravati:

> A identidade não pode ser construída sem a diferença, portanto, na ideologia do caráter nacional brasileiro, a nação é formada pela mistura de três raças, índios, negros e brancos. E a sociedade mestiça desconhece o preconceito racial, pois convive de forma harmoniosa e cordial. A imagem positiva de uma unidade fraterna por muito tempo nos silenciou, evidenciando a falta de respeito à diferença e invisibilizando a desigualdade (FAGUNDES; SBRAVATI, 2009, p. 65).

No senso comum tem-se uma ideia de que, por se viver num país composto por diferentes etnias, estas coexistem de forma democrática, num sistema de igualdade, de possibilidades. O mito da democracia racial surge para esconder o racismo existente na sociedade.

O NEGRO NO ARAPUCU

Por volta de 1780, teve início o cultivo do cacau e a criação de gado na região do Baixo Amazonas, mais precisamente em Santarém e Óbidos. Grande quantidade de africanos escravizados foi trazida para trabalhar nas fazendas, principalmente nas que se localizavam às margens do Rio Paraná de Baixo. Acredita-se que esses negros escravizados eram originários de uma região da África conhecida como "Congo-angolana, sendo na sua maioria da etnia Bantu" (FUNES, 1999, p. 4). Ao chegarem às fazendas, muitos não suportavam a quantidade de horas de trabalho e começaram então empreenderem fugas e iniciarem lugarejos aos quais denominavam quilombos.

Os quilombos foram formados já nas primeiras décadas da implantação das fazendas. Os registros de fugas foram publicados diversas vezes em jornais, como no *Baixo Amazonas:*

> Convém também dizer à autoridade de que de janeiro a maio em que enche o Amazonas, é o tempo que os escravos julgam mais apropriado para fugirem. Neste tempo o trânsito, que é todo fluvial, facilita-lhes poderem navegar por atalhos que conhecem ou por onde são conduzidos, sem o receio de serem agarrados; por este tempo que é o em que se faz a colheita das castanhas (AMAZONAS, 1876; *Apud* FUNES, 1995, p. 4).

Esses primeiros quilombos, no território de Óbidos, foram formados na região conhecida como Igarapé Grande, região essa, onde estão localizadas as seguintes comunidades: Castanhaduba, Apui, Cuece, Silêncio, Matar e São José, outros ainda iam para lugares mais distantes como para a região do Lago Grande, Mondongo, Igarapé Açu dos Lopes e para um

Igarapé que dá acesso ao Lago Grande, em um lugar chamado Muiratubinha, deste último lugar, muitos se deslocaram para a Comunidade Arapucu, provavelmente em virtude de uma maior necessidade de plantação, haja vista, que a comunidade Muiratubinha localiza-se em área de alagado, conhecida também como área de várzea. Esses deslocamentos para a comunidade Arapucu ocorriam por medo da repressão de seus senhores e de autoridades governamentais.

Vale destacar que o contato dos quilombolas com a sociedade não era marcado apenas pela repressão. Os quilombos eram também visitados por religiosos, por naturalistas e por comerciantes. Com a formação das comunidades do interior, principalmente as que atualmente são reconhecidas e algumas já com seus títulos de domínio de comunidades remanescentes, procuraram manter suas originalidades culturais, mas respectivamente suas devoções aos santos, através da dedicação de uma festividade ao Santo padroeiro como enfatiza Arenz (2003) a importância dada a essa festividade, haja vista, ser uma expressão de sua religiosidade e uma forma de agradecimento ao Santo padroeiro ou o Santo Festejad o:

> [...] A religiosidade do caboclo se manifesta, sobretudo, no culto dos santos, ou mais propriamente no de suas imagens locais, a que se empresta caráter de divindade com poderes de ação imediata, e não apenas representações de intermediários entre uma força superior [...] e a folia do santo, grupo de músicos que coleta esmolas. Além desses empregados, de função vitalícia, anualmente são eleitos juízes-do-mastro e da festividade, que custeiam as várias fazes da festa do santo, os mordomos ou noitários que se realizam as novenas (ARENZ, 2003, p. 146 – 147).

Essa forma de manifestação da fé é realizada até os dias atuais, muito embora, alguns grupos de folias tivesse perdido em grande parte a sua originalidade devido ao grande impacto de outros costumes estarem infiltrando-se nas comunidades por causa de mudanças recorrentes à contemporaneidade, mas isso não impediu a manutenção da expressão cultural das comunidades quilombolas. Um fator preponderante para algumas comunidades não realizarem a festa de seu Santo de devoção, deve-se a não continuação da formação de novos componentes para o grupo de foliões, ou seja, as novas gerações não demonstrarem interesse. Outro motivo é que alguns grupos são muito fechados e estão sob a tutela de uma única família, isso implica no não repasse de conhecimentos acerca dos cantos e ladainhas rezados pelo grupo de foliões, bem como de toda a romaria que envolve a festa do Santo a outras pessoas das próprias comunidades que tenham interesse em aprender. Essas pessoas sentem-se excluídas quando se deparam com essas situações de o grupo se restringir e não aceitar opiniões para melhorar a manutenção da identidade cultural de todo um povo.

HISTORIOGRAFIA DA FOLIA DE SÃO TOMÉ, CULTURA QUE CELEBRA A VIDA E A COLHEITA

Segundo a senhora Rosa Gonçalves Guimarães, a Folia de São Tomé teve seu início em "1947 com a Família dos Gonçalves", respectivamente com as seguintes pessoas: a Senhora "Úrsula Golçalves, Gonçalo Gonçalves, Antonio Golçalves, José Gonçalves, João Gonçalves, Cristovão Gonçalves e Rosalina Gonçalves" (ENTREVISTA, 2017). Essa família começou a fazer uma caminhada com o Santo até o roçado de sua propriedade, isso porque, insetos (gafanhotos) em grande quantidade, estarem atacando suas plantações, principalmente as folhas da maniveira (mandioca), pois a família tinha o conhecimento popular e da Igreja, de ser São Tomé o Santo protetor das lavouras[3].

Por motivo dessas infestações, a Senhora Úrsula vendeu um porco no valor de 200 mil réis, com a o dinheiro arrecadado, a mesma pediu para o senhor Lauriano, que vendia porcos na cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, e tinha comprado o animal, que comprasse uma imagem de São Tomé, que custou cerca de 30 mil réis. Enquanto não chegava a imagem do referido Santo, a senhora Úrsula, também chamada de Ursulina, deslocou-se até a cidade Óbidos para tomar emprestada uma imagem de São Tomé para que pudesse levar até seu roçado para ali ser cantada uma Ladainha oferecida ao Santo para que o mesmo pudesse com sua intercessão afastar das plantações os insetos e, desse modo, a colheita seria farta bem aproveitada. Esse fato se deu no dia 21 de dezembro de 1947, pois nesse dia sabia-se, na época, que era o dia de São Tomé. A partir desse ano, já com a imagem de São Tomé, de sua propriedade, a família Gonçalves deu continuidade na caminhada nos anos subsequentes.

Com essas pessoas, que eram foliões de São Tomé, já existiam os seguintes instrumentos artesanais: a caixinha, que era tocada pelo senhor José Gonçalves, que foi o primeiro Capitão Folião da Folia de São Tomé, a caixa grande, que era tocada pelo senhor João Gonçalves, reco-recos, que eram tocados pelos senhores Antônio Gonçalves e Cristóvão Gonçalves que também eram os bandeireiros do Santo, sendo como Capitão da Bandeira Branca o senhor Cristóvão, a senhora Rosalina Gonçalves era porta bandeira do Santo, levava nas romarias uma bandeira menor, com o desenho do resplendor do Santo e a senhora Úrsula que conduzia a imagem de São Tomé, era a mantenedora.

O chamado passeio do Santo acontecia sempre no período de 18 a 21 de dezembro. Com o crescimento do movimento, fez-se necessário aumentar os dias de visitação do Santo, haja vista que, neste momento já não era mais somente uma família que fazia a visita. Na imagem a seguir é possível fazer uma leitura iconográfica do passeio da Folia de São Tomé (Figura 01):

[3] GUIMARÃES, Rosa Gonçalves. *Entrevista concedida a Leandro de Castro Tavares*. Óbidos, 7 de julho de 2017.

Figura 01: Passeio da Folia de São Tomé



Fonte: Arquivo da Folia de São Tomé, 2017

Depois da família dos Gonçalves, a sucessão dos festeiros passou-se para o Senhor José Freitas e a Senhora Rosalina Gonçalves, nesse período, o Capitão Folião era o Senhor Lauro Gonçalves de Freitas. Com esse casal acrescentaram-se mais os seguintes instrumentos: caracaxá e violão, também, nesse período, a caixa grande foi retirada dos instrumentos da folia em virtude de não ter uma pessoa para manuseá-la. Todos esses instrumentos eram distribuídos para um grupo de foliões com cerca de 8 (oito) pessoas, sendo seis homens e duas mulheres, a saber: Lauro Gonçalves de Freitas, José Freitas, Rosa Gonçalves Guimarães, Floriana Rocha, Valdomiro, Pedro Medeira, Zildo Mota e Orlando Alves.

No ano de 1961, os festeiros passaram a ser o casal Antônio Pereira da Silva conhecido como (Cutia) e a Senhora Alice Silva conhecida como (Lili) que ficaram no comando tanto da festa, quanto da Folia, neste momento foi convidado para ser o Capitão Folião o Senhor Francisco Gomes de Sena. A festa passou a ser realizada na propriedade do casal chamada de Igarapezinho, uma colônia situada cerca cinco quilômetros da comunidade Arapucu, o fator distância não prejudicou o brilhantismo da festa, era mais um motivo para as pessoas que se dispunham a ir e só voltarem no dia seguinte, assim que o sol começasse a nascer[4].

Nesse período em que o senhor Francisco Gomes de Sena era o Capitão Folião, sua filha, Rosa Gonçalves Guimarães, também começou a festejar São Tomé em sua propriedade, no lugar conhecido como Batata, na cabeceira do lago Caipuru, na Colônia São Tomé, no município de Oriximiná, este fato se deu no ano de 1991. Nesse festejo, a romaria foi conduzida pela folia do Santo da comunidade Arapucu, também foi inserido o levantamento e derrubada do mastro de oferendas, práticas essas que ainda perduram, como mostra a figura 02:

[4] Na primeira etapa desta pesquisa a campo, eu fiz esse trajeto nos dias 6 e 7 de julho de 2017 participando da prática da Folia de São Tomé. Foram 42 minutos de caminha para chegar até a colônia onde ainda hoje, dá-se início à Folia.

Figura 02: Mastro levantado, Pai João e Mãe Maria que simbolizam essa prática



Fonte: Arquivo da Folia de São Tomé, 2017

Sempre que acontecia e acontece uma romaria, desde os primeiros festeiros, primeiramente era feita a parte religiosa, ficando, em seguida, a parte profana. A primeira é composta da seguinte forma: inicia com a Alvorada às quatro horas da manhã (madrugada), canto das seis horas, a visitação nas roças e nas casas, derruba do mastro de oferendas, canto das 18 horas, agradecimento de mesa, folia de entrada de reza, ladainha, folia de agradecimento de reza e canto da folia de beijada.

A segunda parte, a profana, pode acontecer também no decorrer da parte religiosa, pois em dados momentos, alguém conta uma história, uma piada ou algo engraçado, ou ainda se canta uma música acompanhada com os instrumentos da folia. Essas intervenções também acontecem depois da parte religiosa, logo após o encerramento da reza. Dado por encerrada a reza do Santo, as pessoas eram convidadas a participar de uma festa, tocada ao som de um grupo de músicos chamado de “pau e corda” ou “espanta cão”.

Com o falecimento do Senhor Antônio Pereira da Silva, a Senhora Alice Silva (Lili), ainda realizou por alguns anos a festa do Santo, já com o auxílio de seu filho, o Senhor Etevaldo Viana Barbosa, que assumiu os festejos depois do falecimento de sua mãe, fato ocorrido no dia 16 de fevereiro de 2002.

No dia 28 de maio de 2008, aos seus 96 (noventa e seis) anos de idade, também falece o Senhor Francisco Gomes de Sena, Capitão Folião da Folia de São Tomé. Com o fato ocorrido, a Folia ficou paralisada por um período de dois anos. Depois desse período, em reunião realizada na residência da família Sena, na Comunidade Arapucu, foi decidido que o novo Capitão Folião a assumir seria o Senhor Douglas Sena dos Santos, filho de Antônia Sena dos Santos, primeira filha de Francisco Gomes de Sena, em seu segundo casamento. Nessa perspectiva, caracteriza-se um fator que acompanha a Folia de São Tomé, que é a sucessão familiar dentro das funções mais

Leandro de Castro Tavares; Oséias de Oliveira;

relevantes da folia. Sendo Douglas Sena dos Santos o Capitão Folião, inicia-se, então, a quarta geração de Capitães Foliões dentro da Folia de São Tomé.

A formação atual está assim distribuída: *Capitão Folião e Tocador da Caixinha:* Douglas Sena dos Santos. *Porta Bandeira Branca:* Luiz Soares Alves. *Porta Bandeira Vermelha:* Dornélio Sena dos Santos. *Mantenedoras:* Arluce Rocha e Raimunda Sousa. *Tocadores de Reco-recos:* Luiz Soares Alves, Zilma Barroso Alves, Rosa Gonçalves, Maria Diva Rocha. Tocadores de *Caracaxá:* Raimundo Batista Alves e Laurelino Sousa. *Tocadores de Caixa Grande:* Mauro da Silva Sena e Dornélio Sena dos Santos. *Tocadora de Pandeiro:* Antonia Sena dos Santos. *Porta Bandeira do Santo:* Maria Nilzete Barbosa.

Nos dias hodiernos, a comunidade Arapucu procura manter, com muito esforço, esse ícone cultural, que neste estudo está sendo identificado como cultura afro-brasileira, chamado de Folia de São Tomé, fato este que faz com que a religiosidade do povo ainda possa manter-se viva. A Folia de São Tomé está sob a Tutela da família Sena, que todos os anos realiza festejos em honra a São Tomé.

CANTOS E LADAINHA DA FOLIA DE SÃO TOMÉ

Os cantos, também chamados de folias, foram escritos à medida em que a folia do santo cresceu, assim como o movimento da festa. Não existem escritos que comprovem as autorias dessas composições, acredita-se que as mesmas foram criadas pelos primeiros Capitães Foliões. Este mérito não se dá somente à Folia de São Tomé, mas também a outras folias, pois todas as vezes em que ocorria um encontro de duas ou mais folias, além da disputa que havia entre as mesmas, também era o momento no qual se aprendia outros versos e novas toadas de folias.

Apesar dos cantos ou folias terem suas letras e versos prontos, o Capitão Folião, dependendo de sua imaginação, pode criar versos momentâneos, exceto nas seguintes folias: *Alvorada, Seis Horas, Agradecimento de Mesa, Dezoito Horas, Entrada de Reza e Agradecimento de Reza*. Essas possuem letras e versos específicos e insubstituíveis, devido serem os principais momentos de oração durante a romaria. Importante frisar que, em todos os cantos ou folias, é permitido alterar o nome do Santo ou Santa com o/a qual está sendo feita a romaria.

Todos os cantos ou folias são entoados inicialmente pelo Capitão Folião, ou por alguém que este designa a fazê-lo. Quando na mesma romaria está o Capitão Folião de outra Folia, este só poderá entoar um canto ou folia se obtiver a permissão do Capitão Folião Titular da romaria. A seguir serão descritos pequenos trechos de algumas das folias ou cantos.

Canto de Alvorada: “Alvorada, alvorada. (bis) De manhã, de madrugada. (bis) Acordai quem está dormindo. (bis) Deste sono tão profundo. (bis) Para ouvir cantar alvorada. (bis) Ao

Senhor de todo o mundo. Antes de o galo cantar. (bis) Com uma cruz sobre os ombros. (bis) Que nos fez ajoelhar" (ARQUIVO FOLIA DE SÃO TOMÉ).

Em comunidades do interior é costumeiro as pessoas acordarem de madrugada, por volta de 03h30min ou 04h00min da manhã. Após despertar, o Capitão Folião, "entesa" as cordas da *caixinha* ou caixa de *repique* e a *rufa*, despertando os demais para o novo dia que amanhece. Quando todos estão apostos, é cantado o canto de alvorada.

Canto das 06h00hs (seis horas): "Já lá vai a triste noite. (bis) Já Lá vem o alegre dia. (bis) Meu Senhor dono da casa. (bis) A nós dê vosso bom dia. (bis) Somos filhos de Maria. (bis) Descendentes de Adão. (bis) Glorioso São Tomé. (bis) A nós dê vossa benção. (bis) Já lá vem o sol saindo" (ARQUIVO FOLIA DE SÃO TOMÉ).

Antes do café da manhã, os foliões reúnem-se sempre ao *rufar* da *caixinha* ou *caixa de repique*, todos em oração entoam o canto das 06 horas, desejando ao dono da casa onde o Santo e os foliões pernoitaram bom dia e pedindo a benção de Deus e de São Tomé para a caminhada do dia, após terminar o canto, de dois em dois, a começar pelos bandeireiros, ajoelham-se na frente do altar para fazerem suas orações. Essas orações além de serem pessoais, podem ser orientadas pelo Capitão Folião.

Cantos de Visitação: "Nº 1 Entraremos em vossa roça. Pela estrada principal. Aqui está o São Tomé, que vos veio visitar. Refrão: Glórias serão dadas, Jesus, Maria e José. (bis) Cheira cravo e cheira rosa, cheira flor de Alexandria" (ARQUIVO FOLIA DE SÃO TOMÉ).

No total são 14 cantos ou folias e são entoados no momento em que a imagem do Santo chega a uma roça ou residência, fazendo ali um momento de oração conjunta, assim como individual, pois, todos os foliões e também o proprietário da roça ou residência aproximam-se do Santo ou do altar e fazem um gesto de respeito à imagem do Santo, o sinal da cruz, e beijam as fitas amarradas no mesmo. Importante ressaltar que, no momento em que a visitação está sendo feita nas casas, algumas palavras dos cantos e folias são automaticamente substituídas como, por exemplo: a palavra roça é substituída por casa e a palavra estrada é substituída por porta.

Canto de Despedida: "Vamos dar a despedida seja com muita alegria. (bis) Já se vai o São Tomé que está companhia. (bis) Refrão: Adeus, adeus, adeus, minha querida Senhora. (bis). Fiquem vós com Deus, que com Deus nós vamos embora. (bis) Glorioso São Tomé tem os melindrosos" (ARQUIVO FOLIA DE SÃO TOMÉ).

A Mantenedora ou mantenedor agradecem a recepção e pedem licença ao dono da casa para que possam seguir com a visitação, se este conceder, é então entoado o canto ou folia de despedida, caso contrário, só poderão sair quando o dono da casa permitir. Nesse canto, no momento em que o Capitão Folião entoa o verso que referencia as bandeiras, automaticamente os

bandeireiros as movimentam dando adeus ao dono da casa.

Canto de AIUÊ: "Que dia tão alegre, sendo Ele sem segundo. Refrão: Forma, forma para marchar, iremos de pressa, queremos chegar. (bis) Glorioso São Tomé, que está visitando o mundo. Refrão: Forma, forma para marchar, iremos de pressa, queremos chegar" (ARQUIVO FOLIA SÃO TOMÉ).

Em determinado percurso da procissão, encontra-se com Pai João e Mãe Maria, assim como os seus filhos, são personagens criados que representam a afrodescendência da comunidade. No momento desse encontro, o Capitão Folião para a Folia de Procissão e inicia o canto ou folia do *AIUÊ*. Os personagens fazem, no decorrer do canto, suas homenagens ao Santo, assim como dançam o AIUÊ, juntamente com todos os foliões e quem mais souber o ritmo da dança.

Às 17:00h, visita-se a última roça ou casa do dia, onde se faz uma pausa até às 18 horas, momento em que é cantado o canto das 18 horas, agradecendo a Deus pelo dia de visita e desejando boa noite ao dono da casa. Após o término do canto, novamente de dois em dois, os foliões aproximam-se do altar para fazerem suas orações.

Canto das 18h00hs: "Já lá vai o alegre dia. (bis) Já Lá vem a triste noite. (bis) Meu Senhor dono da casa. (bis) A nós dê vosso boa noite. (bis) Somos filhos de Maria. [...] (bis) Também é cheio de graça. (bis) Vamos juntos irmãos rezar. (bis) O Pai Nosso e Ave Maria. (bis) Glorioso São Tomé" (ARQUIVO FOLIA DE SÃO TOMÉ).

Todos os foliões são observados durante a romaria de visita, no decorrer do dia, sobre algum desvio de conduta. Este papel de observação destina-se à mantenedora do Santo, que na pausa, no final da tarde comunica ao Capitão Folião o nome do infrator e qual foi a infração acometida e este, no momento em que o infrator se ajoelha na frente do altar, o Capitão Folião lhe dá a sentença, a qual deverá ser paga em forma de oração. Quando a infração é grave, cruzam-se as bandeiras em cima do infrator e ao final de cada oração por ele rezada em voz alta, dão-se três toques na caixa grande ou caixa de resposta como sinal de cumprimento da sentença.

Canto de Agradecimento de Mesa: "Deus ô pague irmão devoto. (bis) Pelo alimento que deu, meu anjo, meu Jesus. Pelo alimento que deu. Para o alimento do corpo. (bis) Ponha sua mesa no céu, meu anjo, meu Jesus. Ponha sua mesa no céu. Viva quem serviu a mesa" (ARQUIVO FOLIA DE SÃO TOMÉ).

É costume, durante a romaria, uma pausa às 11h:00h da manhã. Na casa em que se chega a esse horário, oferta-se, pela família proprietária da mesma, um almoço aos foliões, acontece o mesmo às 17:00h, servindo-se o jantar às 19:00h. O Canto de Agradecimento de mesa é feito cerca de 30 minutos a uma hora depois do almoço ou do jantar, pedindo a benção de Deus e de São Tomé para o alimento e para a família, assim como agradecendo.

Canto de Entrada de Reza: “Abram-se, portas do céu. (bis) Rompam-se, novas cortinas. (bis) Refrão: No jardim, da verde rama. (bis). No primor da linda rosa. (bis) Apareça, o São Tomé. (bis) Assista vossa doutrina. (bis) [...] Refrão: No jardim, da verde rama. (bis). No primor da linda rosa” (ARQUIVO FOLIA DE SÃO TOMÉ).

Antes de iniciar a Ladainha, o dono da casa onde é feita a reza convida os presentes a adentrarem e participar da mesma. Em seguida, e sempre ao rufar da caixinha, é entoado o canto de entrada de reza. No qual contém nas letras de seus versos alguns benefícios adquiridos ao fazerem a reza, assim como o sinal da cruz que nesta folia é cantado.

Ladainha em latim: “Christe Eleison Kyrie Eleison Christe, Audi de nos Christe Exaudi nos Pater de Caelis Deus, misserere nobis Filho Redentor num de Deus, missere re nobis Espírito Sante, Deus. Missere re nobis Santa Trinitas son nos Deus, missere re nobis Santa Maria Santa de Engenitriz” (ARQUIVO FOLIA DE SÃO TOMÉ).

É importante dar ênfase que essa escrita da Ladainha não obedece às normas do Latim Clássico, mas está baseada na maneira de ser escrita e cantada, desde os princípios da Festa de São Tomé e dos demais Santos para os quais eram prestados cultos. Ao terminar a Ladainha, o Capitão Folião ou a pessoa que naquela oportunidade estiver cantando a Ladainha, faz o oferecimento da mesma ao Santo para qual foi rezada, assim como para Jesus Cristo e em seguida canta-se o hino do Santo.

Após terminar a Ladainha e ter feito o oferecimento, rezado três Ave-Marias e um Pai-Nosso, é entoado o canto de agradecimento de reza. Este canto, além de agradecer, faz também referência aos anjos que, em sintonia com os devotos aqui na terra, cantam seus louvores no céu.

Canto de Beijada: “Cheguem todos irmãos devotos, cheguem todos a beijar. Glorioso São Tomé, que está posto no altar. Refrão: Beijai irmãos, beijai com alegria, Jesus Cristo é o Rei da glória, Filho da Virgem Maria. (bis) Quem beijar o São Tomé encoste o joelho no chão” (ARQUIVO FOLIA DE SÃO TOMÉ).

O canto de beijada é entoado sequencialmente ao canto de agradecimento de reza. É o momento destinado aos devotos presentes para pedirem ao Santo a benção. Depois de todos os devotos terem pedido a bênção, o Capitão Folião entoa o verso pedindo a benção para os Foliões, os quais se ajoelham, exceto a Mantenedora do Santo. Esta, por sua vez, espera que seja entoado o verso que faz referência a seu nome e então, a mesma direciona-se para o altar e também pede a benção.

Após as descrições acima exposta, é instigante pensar em valorizar as histórias de práticas dos povos afro-brasileiros ou povos tradicionais, como podem ser também chamados, e suas experiências, pois assim, poderá ser um fator determinante para a construção de uma identidade

positiva e indelével.

Mesmo que a Folia de São Tomé, no município de Óbidos, tenha expressões favoráveis em grandes números e apesar de muitas pessoas nas comunidades, em geral, não saberem da grande importância da folia, ainda assim, esse é um fenômeno preocupante no que remete a pensar na continuidade da prática da referida folia, futuramente. Seja pelas sequelas que diretamente infligem aos atores partícipes e testemunhas ou pelo que contribui para rupturas com a ideia da folia como prática cultural, de preservação de uma cultura que pode ser considerada, quem sabe, até como Património Cultural Imaterial, se levadas em consideração suas práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como foco principal a Folia de São Tomé da comunidade Arapucu. Folia esta que faz uma romaria de visitação nas lavouras (roças) para que sejam abençoadas as plantações e livradas de qualquer tipo de inseto ou animal que possa prejudicar a colheita. A esta prática dá-se o nome de "Benção das Roças". Para tanto, como exposto nos tópicos, foi necessário que se detalhasse cada momento vivenciado, fossem as concepções profanas e religiosas ou mesmo o legado deixado através dos conhecimentos de pessoas que sempre mantiveram muito viva sua crença e fizeram com que fosse possível, na atualidade, tomar-se conhecimento, pesquisar e descrever acerca da Folia de São Tomé.

Esta pesquisa que está relacionada à prática da Folia de São Tomé foi embasada no conhecimento popular de moradores da comunidade Arapucu, praticantes da folia e a partir das análises, bem como interpretações do pesquisador, que visa dar melhor clareza quanto à Folia de São Tomé como prática da cultura afro-brasileira no Arapucu, município de Óbidos, assim como dar uma visão mais crítica desta prática cultural.

Contudo, o que parecia um caminho difícil de ser percorrido, tornou-se uma grande descoberta de conhecimentos que até então estavam somente nas lembranças de pessoas que recordam não com saudosismo, mas sim de que no tempo em viveram tais experiências de fé, desfrutaram verdadeiramente de um envolvimento na religiosidade que fez com que fossem aos poucos tomando conhecimento e gosto pelo que era feito, de forma a também participar diretamente dos eventos e posteriormente tomarem a frente e darem seguimento aos costumes e crenças trazidos por décadas e que expressam sua cultura, suas devoções, união, amor, respeito e principalmente vontade de não deixar que tais manifestações culturais se desvairem no tempo.

Caminho percorrido, processo histórico descrito, melhor do que analisar, pesquisar, descrever e escrever acerca da conjuntura que envolve a Folia de São Tomé, é ter a oportunidade

de poder ter participado integralmente de tal prática nos dias 06 e 07 de julho de 2017. A sensação é quase indescritível, pois a emoção que as pessoas sentem e transmitem ao escutarem o canto de uma folia é o que dá ânimo para não parar, não deixar acabar com esta cultura profana e religiosa da comunidade Arapucu, que demonstra toda a fé de um povo que depositam aos Santos, não somente a São Tomé, para que sejam intermediários junto a Deus nos seus pedidos, nas suas preces, nas suas promessas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral.** 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **O objeto em fuga**. Fronteiras. Dourados, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun./2008. Disponível em: http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/62/72. Acesso em 02 de março de 2016.

ARENZ, Karl Heinz. O culto aos Santos. *In*: ARENZ, Karl Heinz. **São e Salvo**: A Pajelança da população ribeirinha do baixo amazonas como desafio para a evangelização. Quito - Equador: Abya Yala, 2003.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, 1991.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

CHAUÍ, M. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

FAGUNDES, Marcelo Gonzalez; SBRAVATI, Daniela Fernanda. **História Cultural**. Indaial: Grupo Uniasselvi, 2009.

FUNES, Eurípedes A. **Nasci nas matas, nunca tive senhor***:* História e memória dos mocambos no Baixo Amazonas. 1995. Tese (Doutorado em História Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Trad. de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Touro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire; KARPINSKI, Cezar. **Memória e história oral**. Indaial: Grupo Uniasselvi, 2010.